BORG, Marcus. **Jesus**. A biografia do homem que nasceu pobre e jurado de morte, revolucionou o mundo com suas ideias, foi perseguido, crucificado e retornou dos mortos para se tornar a pessoa mais importante da história. Traduzido por Alyne Azuma e Rafael Longo. São Paulo: Globo, 2017. 183 p.

Tradução de *Meeting Jesus Again for the First Time*.

ISBN: 978-85-250-6534-6

Carlos Ribeiro Caldas Filho *

Marcus Borg (1942-2015), biblista luterano estadunidense de origem sueca, foi uma das maiores autoridades do mundo no campo dos estudos do Jesus histórico, tendo sido inclusive um membro destacado do *Jesus Seminar*, um grupo de estudos identificado com a “terceira fase” (*Third quest*) da assim chamada “busca do Jesus histórico”. Sua carreira acadêmica incluiu estudos em matemática e física, migrando depois para filosofia e ciência política e, pouco mais tarde, para a teologia, tendo estudado no Union Theological Seminary. Borg doutorou-se em teologia pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. A obra ora resenhada é

Resenha recebida em 10 de abril de 2018 e aprovada em 20 de abril de 2018.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, com pós-doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: rcaldas2009@hotmail.com

tradução de *Meeting Jesus Again for the First Time: The Historical Jesus and the Heart of Contemporary Faith*, publicada originalmente em 1994.

O livro se inicia com um relato autobiográfico, narrado na primeira pessoa do singular, em que o autor descreve sua trajetória, da fé ingênua de sua infância e adolescência, até a fé crítica depois de anos e anos de estudos aprofundados sobre o contexto existencial, vivencial, religioso, cultural e simbólico de Jesus. Borg relata como sua maneira de ver os textos do Novo Testamento mudou ao longo dos anos, bem como sua maneira de entender Jesus, contudo, sem perder a fé. Borg consegue ser crítico e edificante ao mesmo tempo. Na maioria absoluta das vezes, quem é um, não consegue ser o outro. Mas Borg, com felicidade rara, consegue a “proeza” de ser os dois. Um exemplo: Borg é acadêmico, mas isto não o impede de apresentar o que entende que sejam as implicações para a vida da igreja (p. 54-57), ou ainda, uma seção intitulada “Espírito, compaixão e nós” (p. 75-78), onde apresenta os desafios práticos para a vida advindos do estudo da vida de Jesus.

Quais são as principais teses advogadas por Borg em seu texto? Uma delas é quanto à necessidade de se estabelecer distinção clara entre o *Jesus pré-Páscoa* e o *Jesus pós-Páscoa*. Borg entende que estas expressões são melhores e menos problemáticas que as antigas e tradicionais *Jesus histórico* e *Cristo da fé*. O Jesus pós-Páscoa para Borg é o Cristo da experiência, e não apenas um conceito teórico que poderá ser ou não crido. Nas palavras de Borg, “... o Jesus pós-Páscoa não é apenas o produto da crença e do pensamento cristãos iniciais, mas um elemento de *experiência*” (p. 30, ênfase do autor). A análise que Jesus faz do *Jesus pré-Páscoa* é bastante perspicaz. Seu pressuposto básico é que é impossível entender Jesus fora do ambiente religioso e cultural do judaísmo. A partir daí, Borg argumenta que havia duas linhas dominantes no judaísmo do tempo de Jesus: uma, que apresentava Deus na perspectiva da *pureza*, e outra, na perspectiva da *compaixão*. Há ampla base na Bíblia Hebraica para as duas visões. A perspectiva da pureza resulta em exclusão, e a da compaixão, em inclusão. Jesus, entende Borg, optou pela linha da compaixão. Borg resume sua compreensão do Jesus pré-Páscoa em

quatro pontos: (1) Jesus era uma *pessoa espiritual*, isto é, um homem com uma consciência experiencial da realidade de Deus; (2) Jesus foi um *mestre da sabedoria*, que usou aforismos e parábolas para ensinar uma *sabedoria revolucionária e alternativa*; (3) Jesus foi um *profeta social*, no estilo dos profetas clássicos do Israel antigo e (4) Jesus fundou um *movimento de revitalização do judaísmo*, movimento este que acabou se tornando a igreja cristã primitiva (p. 45-46, ênfases do autor).

No capítulo 3 de seu livro Borg apresenta uma proposta diferente de compreensão de Jesus, pois, o entende não como tradicionalmente se tem feito nos estudos bíblicos desde a metade do século passado, com ênfase no tema do reino de Deus, mas no tema da *compaixão* (p. 59-78). Borg defende esta tese com clareza e riqueza de exemplos, contrastando-o com o já mencionado modelo de pureza, que estabelecia distinções nítidas entre puros e impuros, justos e pecadores, inteiros e não inteiros (= mutilados), ricos e pobres, homens e mulheres, judeus e gentios. Borg mostra como Jesus, ao arrepio do sistema de pureza, deu ênfase a um sistema alternativo que incluía os impuros, os pecadores, os não inteiros, os pobres, as mulheres e os gentios.

Jesus como mestre da sabedoria é o tema do capítulo 4. Borg contrasta a sabedoria tradicional da religiosidade judaica do tempo de Jesus, e como esta foi desafiada radical e profundamente pelo modelo revolucionário de sabedoria alternativa de Jesus. Conforme Borg,

O Evangelho de Jesus – a boa-nova da mensagem do próprio Jesus – é que existe uma maneira de ser que se move para além tanto da sabedoria tradicional religiosa quanto da secular. O caminho da transformação de que Jesus falou leva de uma vida de obrigações e comparativos (por padrões culturais ou por Deus) para uma vida de relacionamento com Deus. Sai de uma vida de ansiedade para uma vida de paz e confiança. Sai das amarras da preocupação consigo mesmo para a liberdade do desprendimento de si mesmo. Sai de uma vida centrada na cultura para uma vida centrada em Deus. (BORG, 2017, p. 103-104).

O capítulo 5 também tem como tema a questão da relação entre Jesus e a sabedoria. Todavia, o acento deste capítulo está em apresentar Jesus como a encarnação da *sophia* – “sabedoria” – de Deus. A tese de Borg é curiosa e instigante. Um exemplo: Borg resgata textos como Pv 9.1-6, que falam da sabedoria oferecendo um banquete, e os relaciona com os banquetes dos quais Jesus participa nos evangelhos, e conclui de maneira inconclusiva: “Talvez os banquetes de Jesus fossem os banquetes de Sophia” (p. 114). Ao mesmo tempo Borg reconhece que algumas de suas conclusões são provisórias, e carecem de pesquisas mais aprofundadas. Neste mesmo capítulo Borg dá ênfase às similaridades entre Paulo e Jesus, indo desta maneira na contramão das abordagens que apontam para uma suposta incoerência entre um e outro.

No capítulo 6 – “As imagens de Jesus e as imagens da vida cristã” – Borg apresenta sua compreensão de como Jesus recapitula em sua vida as três principais “macro-histórias” da Bíblia Hebraica, que têm a ver com a vida religiosa: a história do êxodo do Egito, a história do exílio na Babilônia, e a história do retorno do exílio. Sua tese é interessante por demais. Todavia, seria possível questionar a omissão do tema da criação nesta lista de macro-histórias, considerando o peso e a importância da criação em toda a história bíblica. Apesar desta (possível) crítica, a argumentação de Borg é bastante inteligente. Ele encontra as três macro-histórias nas narrativas de Jesus e as apresenta como uma jornada de vida, mostrando como Jesus lhes dá cumprimento pleno. E ao assim fazer, Borg revela sensibilidade pastoral, pois apresenta como a vida dos que creem em Jesus e o seguem é uma jornada de fé, e que na vida destes podem ter cumprimento existencial as histórias do êxodo, do exílio e do retorno. Desta maneira, defende Borg, em sua última sentença, que, a propósito, é o título da edição original do livro em inglês, será possível se encontrar com Jesus de novo pela primeira vez.

As últimas observações desta resenha crítica têm a ver com a edição brasileira: a editora responsável pelo lançamento da obra de Borg no Brasil foi infeliz ao não traduzir literalmente o título original – *Meeting Jesus Again for the*

First Time, literalmente, “Encontrando Jesus de novo pela primeira vez”. O título dado na edição brasileira – “Jesus”, com um subtítulo com 33 palavras, é de infelicidade rara. A ilustração da capa da edição brasileira – uma imagem de Jesus com o assim chamado “Sagrado Coração” – também não foi bem escolhida, por ser muito distante do conteúdo efetivamente apresentado por Borg. O livro apresenta o Jesus judeu galileu do primeiro século da era cristã, não uma concepção de Jesus criada mais de mil anos depois. Há muitos erros de tradução: em todo o texto Israel é referido como substantivo feminino – “a Israel”, mas a forma do substantivo masculino – “o Israel” – é consagrada pelo uso na literatura técnica especializada em português. Na p. 60 aparece a palavra “criança”, tradução malfeita do substantivo inglês *child*, que neste caso seria melhor traduzido como “filho”. Na p. 92 aparece a palavra “ações”, tradução defeituosa de *works* (neste caso a tradução melhor seria “obras”). Na p. 107 a palavra “hebreu” é tradução bastante imperfeita de *Hebrew*, que seria traduzido mais acertadamente como “hebraico”. Na p. 112 aparece a construção bastante estranha “Deus expulsou Israel do Egito”. Tal construção não é boa de modo algum. Na p. 127 aparece duas vezes a palavra “impressão”, tradução tosca de *press*, que deveria ter sido traduzida como “imprensa”. Na p. 171 aparece “na Calcedônia” (referindo-se ao Concílio de Calcedônia, no ano 451), tradução canhestra de *in Chalcedon*. A tradução certa seria “em Calcedônia”. A editora poderia ter atentado para alguns títulos mencionados por Borg que estão disponíveis em português. É o caso de *The Prophetic Imagination*, de Walter Brueggemann, de 1978, publicado no Brasil por Edições Paulinas em 1983 com o título “A imaginação profética”. A editora também cometeu uma falha nas notas de rodapé 5 e 6 do capítulo 3 (p. 158), em que Borg cita vários versículos dos Salmos, pois não observou a diferença de citação em alguns dos Salmos nas versões católica e protestante da Bíblia.

Finalizando: esta obra de Marcus Borg é ao mesmo tempo instrutiva, crítica, acadêmica e pastoral. Seu texto é claro, e sua argumentação convida os leitores à reflexão. A despeito dos problemas apresentados na edição brasileira da obra, vale a pena a leitura.